

Ainda mais bela

José Luiz Gomes do Amaral

Idos de 1933, à rua Coronel Oscar Porto, reunia-se um grupo de jovens médicos...

*"De armas vencidas e almas vencedoras,
mal saía São Paulo de um desastre heróico
que o deveria abater se fosse fraco,
mas só o exaltou porque é forte,
já na sua terra,
terra ainda morna dos corpos que se esfriavam
sobre ela, beijando-a,
lançava-se uma semente milagrosa,
a da Escola Paulista de Medicina."*

... cujos feitos celebrava o príncipe poeta Guilherme de Almeida, três anos depois:

*"Aí está, germinada e prosperada a semente;
aí está, florescido o ideal;
aí está: frutificado o empreendimento!
Aí está a Escola Paulista de Medicina.
A árvore boa,
em boa hora,
sob um bom signo,
numa boa terra
e por boas mãos plantada."*

A árvore, hoje aos setenta anos, é consagrada Universidade Federal de São Paulo, excelência no ensino, pesquisa e extensão na área da saúde.

A nossa Escolinha

Há pouco mais de 30 anos a conheci ainda pequena. Escolinha. Naquele tempo conhecíamos-nos todos, alunos, professores, funcionários. Pelo sobrenome e pelo nome; mas, sobretudo, pelo apelido. Fomos terceira geração: a do Jairo Ramos, a do Osvaldo e a do Fio. Ouvimos ao longe, os sons de 32; sofremos de perto com os que sofreram depois de 64. Aprendemos Escola Paulista com o Jair Xavier Guimarães. Nosso Diretor!



Tanto falou o Pedro Geretto, que dançamos os Bailes do Café. Cantamos também o que não dá pra contar aqui. Com o Ademir e o Auro Lúcio; com o acordeão do Demuti e a gaita do Nemer.

Chegamos ainda a jogar a Pauli x Poli. Entre outras. Muitas outras. Jogamos e torcemos.

Tra-ca-trá! Como torcemos!

Good night! Good night quinquerus?

Quinquinquerus, Quinquinquerus,

(Good night! Good night quinquerus?

Quinquinquerus, Quinquinquerus.)

Ó Nicodemos! (Ó Nicodemos!)

Ó Jalaô! (Ó Jalaô!)

Ó Nicodemos Jalaoba,

oba, oba, oba, oba. (oba, oba, oba.)

E o esqueleto? (E o esqueleto?)

Da Faculdade. (Da Faculdade.)

Um hino (quase oração) de autoria desconhecida, de propriedade controvertida e disputada por grandes (a Paulista e a Nacional),

inspiradíssimo no mais puro cantochoão, no diálogo entre o anjo e as mulheres que vieram vê-Lo:

*"Quem quaeritis in sepulchro
O Christicolae?"*

*"Jesum Nazarenum crucifixum,
O coelicola.*

*"Non est hic, surrexit sicut predixerat;
ite, nuntiate quia surrexit, dicentes:
Aleluia, surrexit Dominus hodie..."*

O Anjo: *"Quem procuram no sepulcro,
ó servas de Cristo?"*

As mulheres: *"Jesus de Nazaré, que foi crucificado, ó ser celestial."*

Novamente o anjo: *"Ele não está aqui.*

Ele ressurgiu, e ordenou:

Vão. Anunciem que

Ele ressurgiu dizendo:

Aleluia. O Senhor ressurgiu hoje ..."

Nicodemos, que O havia descido da cruz, não aparece no drama litúrgico. Nem Ele.

Mas se lá estivesse,

Ele logo acordaria

e nos ordenaria correr o mundo e dizer o que nos diz o coração:

Que a melhor é a Medicina,

Paulista de Medicina,

Medicina boa menina ...

"Boa menina", estaremos sempre próximos.

Serás ainda mais bela aos oitenta, noventa, aos cem...

Aos cento e dez, quem sabe?

Partirei um dia, é certo. Antes disso, talvez.

Espero (otimista!) que seja bem mais tarde.

Mas seja quando for, sei que jamais poderei deixar-te.

José Luiz Gomes do Amaral
é formado na Escola Paulista de Medicina, na turma de 1976

Departamento Cultural do Centro Acadêmico Pereira Barreto

A Escola Paulista de Medicina, por este Departamento do Centro Acadêmico, revelou em toda a sua história os talentos artísticos dos futuros médicos.

A fase áurea das atividades artísticas na escola foi, sem dúvida, a década de 1960. Acompanhando as grandes mudanças culturais e sociais do período, este departamento se dedicou a eventos que tiveram grande repercussão cultural no Estado de São Paulo.

No início da década de 1960 a EPM realizou em sua biblioteca os primeiros salões de arte universitária do Estado de São Paulo, atraindo estudantes de várias faculdades, e críticos da arte como Mário Schemberg participaram da seleção dos trabalhos e da premiação.

Estes salões sem dúvida foram o incentivo que eu necessitava para o início de uma carreira artística desenvolvida já há 40 anos sem prejudicar a carreira de Medicina.

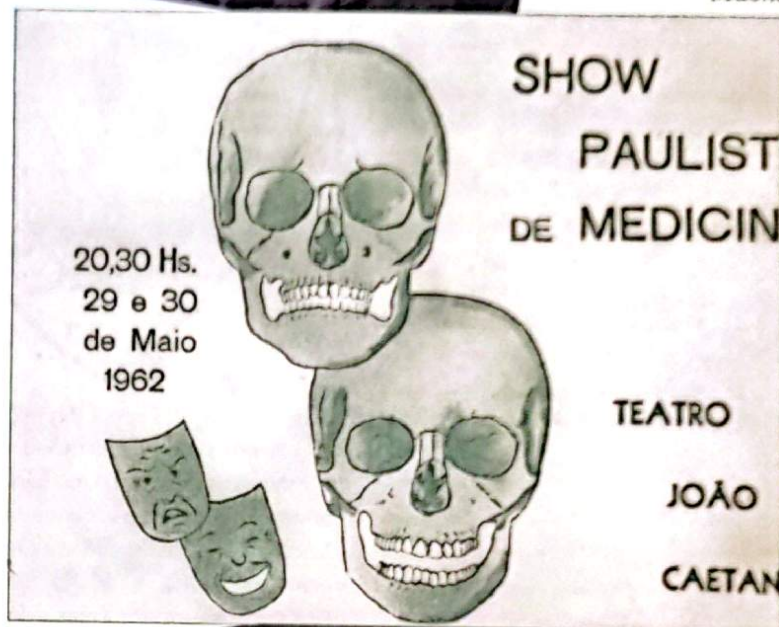
O Centro Acadêmico manteve o jornal *O Biceps* que divulgava artigos culturais, poesias e atividades do grupo de teatro responsável pelos memoráveis shows no Teatro João Caetano. Contamos com a colaboração do ator Renato Consorte, que sobreviveu a um acidente aéreo e tratou de suas extensas queimaduras no Hospital São Paulo. Durante os curativos acertou sua participação com diretor do show, o que nos deu uma orientação profissional para a realização do espetáculo. O sucesso dessas apresentações foi grande, tendo o grupo sido convidado a realizar o show em outras cidades.

O Departamento Cultural, com esses espetáculos, conseguia reunir a poesia dos jogos, a música instrumental e o canto, o humorismo, a pintura musical, o balé e as coreografias das garotas travestidas que levaram o público ao delírio.

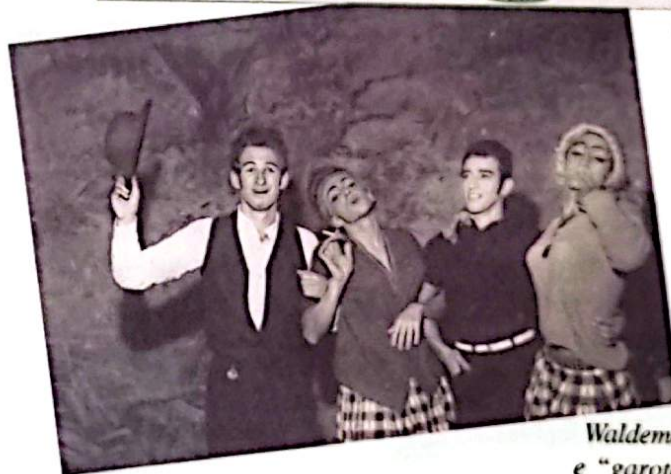
Aldir Mendes de Souza



Grupo de Show Paulista de Medicina, 1962, entre outros: Adauto Roche, Luciano Bacalla, Oswaldo Guedini, Aldir Mendes de Souza, Sender, Celso Guerra, Carlos Machado



Convite do Show Paulista de Medicina, 1962



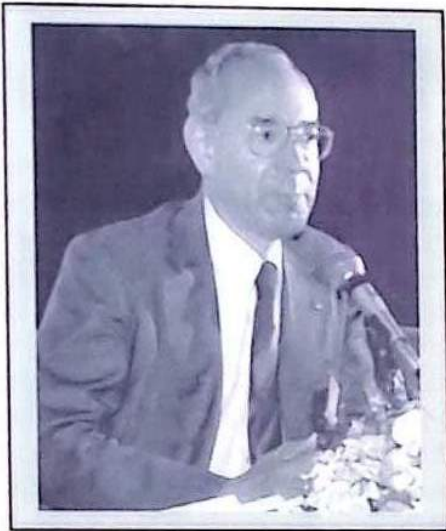
Waldemar Kogos Aldir e "garotas travestidas"

Aldir Mendes de Souza
é cirurgião plástico

O passado e o presente da Escola Paulista de Medicina

Suplemento Cultural – Ao receber o diploma pela Escola Paulista de Medicina, o médico estava preparado para desempenhar seu papel na sociedade?

Luís Florencio de Salles Gomes – Respondendo em parte. Quando nos formamos, a Escola Paulista de Medicina era entidade isolada de ensino, reconhecida pelo Ministério da Educação, não se expandira da forma como hoje está implantada na malha urbana. Penso que a Escola não moldava, não preparava, definitivamente, para a vida profissional. Cada um de nós iria adquirir fora,



Arary da Cruz Tiriba *é professor titular, aposentado, de Doenças Infecciosas e Parasitárias, especialista em doenças transmissíveis; foi diretor do Hospital de Isolamento Emílio Ribas; em 1975, foi agraciado pelo governo do Estado de São Paulo com a Medalha de Ouro de Valor Cívico, conferida àqueles que arriscam a vida em prol dos semelhantes, por seu papel durante a epidemia de encefalite por arbovírus, transmitida por mosquito, no litoral sul de São Paulo. Participa voluntariamente das atividades didáticas. É membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo.*

no ambiente de trabalho, o seu perfil, o seu caráter profissional.

Marcos Cabeça – É verdade que no nosso tempo, a *Escolinha* não era universidade, mas ao lado do curso de medicina se salientava um outro, não menos conceituado, a Escola de enfermeiras, onde eu cheguei a ensinar – e foi aí que me desinibi como docente –, essa, ao lado da Ana Nery, do Rio de Janeiro, e da Escola de Enfermagem do Hospital das Clínicas de São Paulo, constituíram os pilares da reformulação do ensino de enfermagem. No Hospital São Paulo, a reforma foi efetuada graças à ação da madre francesa Marie Domineuc. Com recursos escassos, mas com boa vontade, realizou milagres!

Arary da Cruz Tiriba – É bom ouvir os colegas sobre o passado da Escola Paulista de Medicina. Nesta roda, encarando o Luís Florencio, vejo a figura do pesquisador, do virologista de produção científica admirável. Quem poderia imaginar que, aos anos 50 do século passado, um colega viria a projetar-se, nacional e internacionalmente, como virologista? Certo, a EPM, e nenhuma outra faculdade, não o impeliu a tanto, mas sua herança genética [de cientistas], seu contato com a concentração de mestres entusiastas facilitaram-lhe a opção arrojada. Sua dedicação a outra casa não menor em tradição, o Instituto Adolfo Lutz, também escola, ligado por laços e vizinhança a Pinheiros [Faculdade de Medicina, da Doutor Arnaldo], operaram-lhe a transformação definitiva no virologista. Luís Florencio tem razão, a programação curricular da escola médica esculpiu-nos toscamente, mas impulsionou – pelos exemplos de certos mestres – à arte autocriativa que seria adotada. No ambiente de trabalho, seja na Escola própria, seja no Instituto Clemente Ferreira, no Hospital Matarazzo (no meu caso, no Hospital de Isolamento Emílio Ribas, na época, de nome aterrador, mas do qual conservo a experiência), seja em outra Instituição, ali é que se processaria o acabamento final do profissional.

Cabeça – Quando o Tiriba aludiu a algumas instituições, lembro-me que pronto-



Marcos Cabeça *gastroenterologista, é professor-adjunto, aposentado, da disciplina de Gastroenterologia Clínica; foi um dos organizadores da área disciplinar do departamento de medicina e participa, ainda hoje, das reuniões clínicas. Fez parte do colegiado eleitoral para a criação do Conselho Regional de Medicina de São Paulo. É membro emérito da Associação dos Docentes da Unifesp/EPM.*

socorro não existia na EPM. Havia apenas uma porta para o atendimento de emergência; assim, éramos obrigados a procurar os prontos-socorros particulares: Santa Lúcia, Santa Inês ou a Santa Casa de Misericórdia. E não ganhávamos nada com isso [remuneração], auferíamos só a prática para distinguir o edema agudo de pulmão, o infarto do miocárdio, o abdome agudo!... Realmente, não formava por completo devido às circunstâncias da época, mas hoje a Unifesp/EPM oferece condições para formação mais do que satisfatórias.

S.C. – Quer dizer que, hoje, a Unifesp/EPM desova profissionais bem-acabados? É isso?

Tiriba – Convém admitir que não é bem assim. Ouça, estou aposentado, como os demais entrevistados, não leve a minha afir-



Luís Florencio de Salles Gomes

é pesquisador científico, nível VI, aposentado, do Instituto Adolfo Lutz. Possui numerosos trabalhos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros sobre doenças por vírus, especialmente, varíola, vacinia, herpes, sarampo, rubéola. É membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo.

mação com rigor absoluto, porém, como exerço alguma atividade didática voluntariamente, verifico que o currículo *mínimo é demasiado máximo*, tantas são as disciplinas! Ainda assim, não estaciona o suficiente na psicopatologia social – de importância magna no dia-a-dia – e no estudo e na prevenção de doenças regionais do território globalizado. A investigação clínico-epidemiológica e o interrogatório do paciente deixaram de ser rigorosos, como foram ao nosso tempo, para ceder espaço ao diagnóstico por imagem quase prioritário, o que é muito dispendioso! O *acabamento* do profissional exige a complementação pela residência médica, tábua de salvação do recém-formado. A residência é indispensável ao médico de hoje.

S.C. – Os senhores têm ou tiveram a residência médica?

Cabeça – Não cumprimos a residência médica; esta foi regulamentada na primeira metade da década de 1950 do século findo, porém, antes dessa época, como estudantes realizávamos espontaneamente um rodízio, um périplo extenso – extenso, repito, e externo! – e exaustivo em institutos especializados que abriam as portas aos alunos da EPM. Assim, a Policlínica, da rua do Carmo, no centro da cidade, a Casa Maternal e da Infância Dona Leonor Mendes de Barros, no Tatuapé, os ambulatórios da cidade para tratamento das doenças venéreas e das doenças mentais, as enfermarias do Hospital de Isolamento Emílio Ribas, o Pavilhão Fernandinho, na

Santa Casa. Era, ou não, mais do que a residência, a *multirresidência*? O que acha?

S.C. – Carga pesada, dr. Cabeça! Mas quais os professores que os sensibilizaram?

Luís Florencio – De nós, quem mais viveu a EPM – se o Tiriba me permite – foi o Cabeça. Ele trabalhava até nos sábados e domingos, realizando análises complicadas de laboratório, pois que, antes de estudar medicina, já era técnico em química pelo Mackenzie. Teve contato maior com os professores.

Tiriba – O Cabeça não aprecia que falem bem a seu respeito, mas sempre foi acatado como o líder da turma de 1950, desde os tempos de estudante, quando participava das atividades atléticas [arremessador de martelo] e conduzia a torcida nas disputadas competições esportivas, como a Pauli-Poli e a Aero-Pauli, as quais revelaram grandes atletas! Não bastasse isso, desde o 3º ano médico, atuava na disciplina de propedêutica, sob a chefia do prof. Jairo Ramos. Mais tarde integraria o Conselho Administrativo da EPM e viria a ser diretor financeiro do Hospital-Escola!

Cabeça – Prefiro não citar nomes de professores, mas explico o porquê. Tivemos professores notáveis em todos os escalões, do menor ao mais alto. Citar alguns, deixando outros de lado, seria injusto, estão de acordo? Mas é inegável que a EPM contribuiu para a implantação das especialidades médicas, das cirúrgicas e de pesquisas científicas experimentais. Seria necessário estender-me, sem limite, para falar, também, da contribuição da pós-graduação da EPM ao ensino médico do país; para mostrar que nossos professores administraram hospitais renomados da capital, além do que militaram e comandaram, no campo de batalha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial! É pouco?! No terreno político, a EPM esteve representada por parlamentares. No campo da saúde pública, mais de um secretário de estado originário da Escola reeditou sua gestão! Doenças epidêmicas como a poliomielite foram combatidas por gente da casa! Tiriba é testemunha que assistimos as primeiras curas do tifo [febre tifóide] por antibiótico! Os atores saíram daqui.

S.C. – Parece que os entrevistados possuem o entusiasmo comum ao falar da *Escolinha*. É assim, de *Escolinha*, que vocês a tratam? Não é pejorativo?

Luís Florencio – Sinto-me feliz ao ouvir que, ainda hoje, persiste o tratamento carinhoso. No nosso tempo, as escolas médicas eram duas; a primeira (Escola de Medicina e Cirurgia, transformada, depois, na Faculdade

... é inegável que a EPM contribuiu para a implantação das especialidades médicas, das cirúrgicas e de pesquisas científicas experimentais.

de Medicina da Universidade de São Paulo) era grande, era rica, e jamais deixou de ser grande! Ela, que teve o influxo da Fundação Rockefeller! A EPM foi criada, em sequência, para proporcionar mais vagas aos excedentes, possuidores do cabedal de conhecimento indispensável para o estudo da Medicina. A Escola foi gerada da chama de cientistas ousados, procedentes da Faculdade de Medicina de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Bahia... E teve a ajuda financeira dos exportadores do *ouro verde*, que contribuíam com sacas de café [o correspondente monetário]. Até a arrecadação do baile do café – realizado no Hotel Esplanada, no centro da capital – era destinada pelo centro acadêmico às instalações complementares da EPM. Dessa forma, sempre, desde a fundação, professores e alunos somaram esforços. Alunos também foram executores da edificação! E do manifesto de criação! Está explicado, o amor à *Escolinha*?

S.C. – Havia alguma rivalidade entre as duas faculdades da época?

Cabeça – Alguma competição, não rivalidade! Aquela pontinha entre acadêmicos... tratava-se mais de estímulo, de parte a parte, o que era salutar, mas não havia rivalidade. Não! Os dois centros acadêmicos, o Oswaldo Cruz e o Pereira Barreto, tinham por patronos dois respeitados paulistas (tempos da febre amarela urbana) – um, notável pela administração sanitária nacional e pela determinação, outro, pela respeitabilidade como clínico –, o que era bastante para acalmar os mais aficionados. De outra parte, durante a atividade conjunta, o entrelaçamento e a amizade eram traços comuns. Vários, dos professores catedráticos ensinavam tanto na Faculdade de Medicina quanto na EPM. A orientação era idêntica, o espírito era o mesmo, também os princípios éticos!

S.C. – O que pensam que seja importante para manter a chama igual para outras faculdades, para outras universidades?

Luís Florencio – Ainda que eu tenha atuado fora da EPM, sempre contribuí com meus

[Nós, da EPM] assistimos as primeiras curas do tifo [febre tifóide] por antibiótico!

conhecimentos, atendendo com prazer os convites da Faculdade de Medicina da USP, do Instituto de Medicina Tropical, da Unicamp e, obviamente, da Unifesp/EPM, sempre que o Tiriba renovou o convite para minha participação. Quando se carrega a bandeira com orgulho – e tenho, por permanente, a visão do seu símbolo, o jacarandá com a serpente enrolada no tronco –, é por estar ela presente no meu coração.

Cabeça – *Cada um de nós que pertença a alguma comunidade universitária deve colaborar para o engrandecimento institucional sem interesses pessoais, desde os bancos acadêmicos e, em prosseguimento, pela vida profissional afora, contribuindo para o renome da instituição, ou exercendo atividades da classe. E, depois de aposentado, atender aos chamamentos. Por que não?*

Tiriba – Curiosamente, o trio ora entrevistado é parte da cabeça-de-ponte com um

Cada um de nós que pertença a alguma comunidade universitária deve colaborar para o engrandecimento institucional sem interesses pessoais...

grupo unido de médicos, uma *família* [turma de 1950] que se reunia anualmente, e agora passa às reuniões semestrais! Isto porque a idade vai ceifando os figurantes... mas não os nomes! Respondo, então: 1) aprimoramento continuado na transmissão do conhecimento; 2) produção científica aplicável à sociedade; 3) memória; 4) união (como a do grupo de 1950); e 5) tradição.

A Unifesp/EPM tem preservado razoavelmente os fatores que alinharei. A memória deve permanecer acesa, de igual forma como a História, a Filosofia e a Antropologia, ciências em que a Medicina sempre

A memória deve permanecer acesa, de igual forma como a História, a Filosofia e a Antropologia, ciências em que a Medicina sempre marca presença.

marca presença. O dr. Cabeça tem toda razão quando evita a citação de nomes dos mestres; também porque a menção seria de menor interesse ao auditório global universitário, mas nada impede seu registro, passo a passo, intramuros, nomeando, citando acontecimentos marcantes de cada um dos institutos universitários. Será a contribuição individual para a História, ela que nunca se detém, que continua sempre evoluindo. E, sem história, sem união, como falar em tradição?!

Certidão de Nascimento da Escola Paulista de Medicina

José Castellani

escrito por ocasião do cinquentenário da Escola Paulista de Medicina

A partir dos dias gloriosos da Revolução Constitucionalista de 1932, ganha na perturbação de um ideal, mas perdida nos campos de batalha, o Estado de São Paulo começou a fazer das cinzas e escombros da guerra o alicerce concreto de seu futuro, como unidade líder da federação.

Mal assentada a poeira da luta, em 1933, a mostrar que o ânimo paulista não fora abatido, um punhado de idealistas fundava uma nova escola de Medicina em São Paulo: a Escola Paulista de Medicina, hoje um orgulho da medicina brasileira e conceituada como uma das principais escolas médicas de toda a América Latina.

Nos primeiros dias de março de 1933, repercutia, ainda, nos círculos educacionais, o resultado dos exames vestibulares à Faculdade de Medicina de São Paulo, quando se inscreveram mais de 300 candidatos, para as 70 vagas oferecidas pelo estabelecimento. Dado o elevado nível dos candidatos, 136 deles objetivaram média superior a 5 e não conseguiram classificação; mais incrível, ainda: em 70º lugar, ficaram empatados quatro alunos, com nota 7,5, sendo a vaga dada ao mais velho!

Isso fez com que os candidatos não aproveitados ficassem inconformados, tentando, de todas as maneiras, conseguir um desdobramento do curso da Faculdade de Medicina. Foi, entretanto, tudo em vão, embora as reuniões dos interessados no Ginásio Guilherme de Almeida, da rua Brigadeiro Tobias, comessem a sensibilizar a opinião pública e vários médicos, que,

interessados em resolver o problema, chegaram à conclusão de que São Paulo comportaria uma nova escola médica, já que, todos os anos, cerca de 1.500 jovens saíam do estado para estudar Medicina em outros centros.

Assim, a 24 de março, no consultório do dr. Octávio de Carvalho, que ocupava as salas 608 e 610 do Prédio Glória, na praça Ramos de Azevedo, n. 16, aconteceu uma reunião de representativas figuras da classe média paulista, na qual foi lançada oficialmente a idéia da criação de uma nova escola de Medicina na capital paulista.

Foi organizada, então, uma comissão composta pelos drs. Antonio Bernardes de Oliveira, Antonio Carlos Pacheco e Silva, Carlota Pereira de Queiroz, Ayres Netto, Domingos Define, Jairo Ramos, Eduardo Vaz, Marcos Lindenberg, Octavio de Carvalho, Rodolpho de Freitas e Pedro de Alcântara, destinada a estudar a viabilidade da idéia. Participaram dessa primeira reunião, também, os drs. Alípio Corrêa Neto, Flaminio Fávero, Paulo Mangabeira Albernaz, André Dreifus, Otto Bier e Jayme Regalo Pereira.

A par disso, continuavam as reuniões dos estudantes, já agora prestigiadas pela presença de Octavio de Carvalho e do advogado Lino Moreira, que procuravam convencer os jovens a apoiar a criação da nova escola médica, embora isso implicasse novo vestibular. Conseguido esse apoio, realizava-se, a 6 de maio, uma segunda reunião no Prédio Glória, para desenvolver os traba-

lhos de organização da nova escola: nessa reunião, compareceram, além dos médicos já citados, mais os drs. Álvaro Guimarães Filho, Nicolau Rossetti, Flávio da Fonseca, José Ignácio Lobo, José Medina e Olivério Mário de Oliveira Pinto.

Em nova assembléia, a 27 de maio, dessa vez no Instituto Biológico, situado à rua Marquês de Itu, n. 71, era escolhido o nome do novo estabelecimento de ensino médico. Entre três nomes propostos (Faculdade Paulista de Medicina, Escola Paulista de Medicina e Escola Médica de São Paulo), foi aprovado, após grandes debates, o de *Escola Paulista de Medicina*. Nessa mesma assembléia, era eleito o Conselho Deliberativo da Escola, que acabou sendo composto pelos drs. Afrânio do Amaral, Otto Bier, Pacheco e Silva, Marcos Lindenberg, Pedro de Alcântara e João Moreira da Rocha. Este conselho, a 1º de junho, elegia, por aclamação, o dr. Octavio de Carvalho diretor da Escola Paulista de Medicina e, por todos os títulos, seu fundador.

A 5 de junho, ainda no Instituto Biológico, sob a presidência de Octavio de Carvalho, a assembléia resolvia fixar em 5 contos de réis a quota de cada sócio fundador da Sociedade Civil Escola Paulista de Medicina. Essa quota seria sem retorno, pois a sociedade, sem fins lucrativos, reaplicaria todo o capital auferido; foram realizados 500.000 réis no ato da escritura, 500.000 réis depois de 30 dias, e 1 conto de réis, anualmente, no mês de março, até 1937.

A 27 de junho, já no prédio da escola, situado à rua Coronel Oscar Porto, n. 54, era escolhida a sua congregação, ou seja, o seu corpo docente, que ficou assim constituído:

Clínica Cirúrgica: prof. Álvaro Guimarães Filho; Higiene: prof. Afrânio do Amaral; Clínica Médica: prof. Álvaro de Lemos Torres; Psiquiatria: prof. Antonio Carlos Pacheco e Silva; Clínica Cirúrgica: prof. Antonio Bernardes de Oliveira; Cirurgia Reparadora: prof. Antonio Prudente de Moraes; Clínica Oftalmológica: prof. Archimede Bussaca; Medicina Legal: prof. Antonio de Almeida Junior; Fisiologia: prof. César Thales Martins; Tisiologia: prof. Décio de Queiroz Teles; Clínica Ortopédica: prof. Domingos Define; Química Fisiológica: prof. Dorival Cardoso; Clínica Neurológica: prof. Fausto Guerner; Terapêutica: prof. Felício Cintra do Prado; Doenças do Aparelho Digestivo: prof. Felipe Figliolini; Parasitologia: prof. Flavio da

Fonseca; Anatomia Patológica: prof. Henrique da Rocha Lima; Clínica Propedêutica Médica: prof. Jairo Ramos; Clínica Ginecológica: prof. José Medina; Técnica Operatória: prof. José Maria de Freitas; Anatomia: prof. João Moreira da Rocha; Física Biológica: prof. Lauro Cruz; Patologia Geral: prof. Marcos Lindenberg; Histologia e Embriologia: prof. Nelson Gioia Planet; Clínica Dermatológica: prof. Nicolau Rossetti; Microbiologia: prof. Otto Bier; Clínica Otorrinolaringológica: Paulo Mangabeira Albernaz; Clínica Pediátrica: prof. Pedro de Alcântara; Clínica Urológica: prof. Rodolpho de Freitas.

A 1º de julho, finalmente, era lançado o manifesto público comunicando a fundação da Escola Paulista de Medicina, subscrito por 32 de seus 33 fundadores, já que o dr. Lemos Torres deixou de assiná-lo por estar ausente do país. Na mesma época era constituído o Conselho Consultivo da entidade, com finalidades sociais, composto de 15 membros, escolhidos entre pessoas de destaque, estranhas à Escola; desse Conselho, entre outros, faziam parte: Guilherme de Almeida, Afonso D'Escagnolle Taunay, Carlos de Sousa Nazareth, Francisco Salles Gomes Junior, Paulo Prado, José Maria Witacker, Vicente de Almeida Prado, Anhaia Melo, Ministro Costa Manso e Octavio Pupo Nogueira.

Em 1936, a Escola era transferida para a rua Botucatu, na Vila Clementino, onde se encontra até hoje, ocupando extensa área. Nesse mesmo ano, a 3 de junho, com discurso oficial do poeta Guilherme de Almeida, era lançada a pedra fundamental do Hospital São Paulo, que foi o primeiro hospital-escola do Brasil. Em 1956, tendo em vista a importância do estabelecimento e atendendo ao anseio dos professores, o governo da República decidia federalizar a Escola Paulista de Medicina, para que ela pudesse prosseguir na realização dos propósitos de seus fundadores. A 4 de maio de 1957, era oficializada a federalização, numa cerimônia cujo orador foi o prof. Pacheco e Silva, o mesmo que havia proferido a aula inaugural da Escola, a 15 de julho de 1933.

Nestes anos, por seus portões entraram gerações de jovens e saíram gerações de médicos, que, hoje, espalhados pelo país, justificam os esforços e a dedicação dos homens que sonharam e concretizaram a Escola Paulista de Medicina.

José Castellani
do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

A odisséia da anatomia patológica na Escola Paulista de Medicina

Jorge Michalany

Em 1933, os médicos que assinaram o manifesto da fundação da Escola Paulista de Medicina (EPM) tornaram-se cate-dráticos do novel estabelecimento. A cátedra de patologia geral foi confiada ao dr. Marcos Lindenberg e a de anatomia e fisiologia patológicas ao famoso cientista brasileiro Henrique da Rocha Lima.

A idéia de se fundar uma escola particular de medicina não foi bem recebida pela Faculdade de Medicina de Pinheiros nem pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

“Uma temeridade”, diziam. Desse modo, a EPM chegou a ser até hostilizada pelas duas instituições que comanda-

vam o ensino médico no Estado. Mas a dedicação dos seus fundadores, dos professores e alunos tudo venceu, e a EPM, chamada de *Escolinha* pelos opositores, tornou-se um dos melhores estabelecimentos de ensino médico do país. De acordo com os fundadores, era indispensável prover a EPM de um hospital próprio, o

Hospital São Paulo (HSP), para o ensino das clínicas, tendo sua construção sido iniciada em 1936 e terminada em 1940.

Além desse pioneirismo, fundou-se em 1937 a Escola Paulista de Enfermagem, a primeira estabelecida em São Paulo e dirigida por missionárias francesas. Em 1951, a EPM aperfeiçoou a organização do ensino médico ao estabelecer, pela primeira vez no Brasil, a reunião de cátedras afins em departamentos.

Devido às dificuldades financeiras por que passava a EPM, houve por bem federalizá-la em janeiro de 1956. Finalmente, a EPM, até então uma entidade autônoma do Ministério da Educação e Cultura, passou em 1994 a fazer parte da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Desde o seu início, em 1936, até a data da minha aposentadoria compulsória em 1986, isto é, 50 anos, a cátedra de Anatomia Patológica ou Departamento, como se chamou depois, passou por três períodos distintos, como segue.

Período áureo (1936-1942)

Apesar do inegável valor do prof. Henrique da Rocha Lima (1879-1956) como patologista geral e descobridor das rickettsias, sua passagem como primeiro catedrático de Anatomia Patológica foi efêmera, pois ele estava mais interessado na organização do Instituto Biológico criado para a defesa sanitária agropecuária. Transferiu o cargo para o dr. Juvenal Ricardo Meyer, seu colaborador no instituto que permaneceu na EPM por pouco tempo.

Em seu lugar foi contratado um jovem patologista alemão de Dantzig, Walter Büngeler (1900-1985), que permaneceu na EPM de 1936 a 1942.

O prof. Büngeler marcou época na EPM e na anatomia patológica de São Paulo. Ao contrário do que ocorria com a maioria dos professores da época, brasileiros e latino-americanos, que provinham de cátedras de anatomia e histologia normais, Büngeler tinha formação hospitalar e representava o pleno patologista da escola alemã, executando pessoalmente as autópsias e realizando a correlação anatomoclínica, até então desconhecida nas escolas médicas do Brasil.

Infelizmente, um acontecimento inesperado veio modificar completamente o

papel da Cadeira de Anatomia Patológica da EPM. Considerada um dos esteios da fama dessa Escola, ela sofreu irreparável perda quando, em 1942, com a Segunda Guerra Mundial, Büngeler foi obrigado a deixar o Brasil. Senti muito sua saída, pois eu era monitor da cadeira desde 1941.

Período decadente (1942-1969)

No lugar de Büngeler veio Moacyr de Freitas Amorim que, embora um competente morfologista e com estágios na Alemanha, não possuía a cultura humanística e médica geral como Büngeler e, acima de tudo, sua simpatia. Ademais, sem ter tido formação hospitalar, não sabia conduzir as reuniões anatomoclínicas como seu antecessor. Disso resultou um progressivo desinteresse dos clínicos e cirurgiões por suas demonstrações, passando elas a ser acompanhadas só por alunos. Durante os anos iniciais em que permaneceu na EPM, Amorim, embora com a obrigatoriedade de dedicar-se ao ensino e à pesquisa, teve sua vida voltada para a política (candidato a deputado federal pelo Partido Comunista do Brasil) e para viagens ao Exterior.

Devido a esses episódios, sua assiduidade à Cátedra diminuiu e isto refletiu no atendimento ao hospital, bem como no relacionamento com os clínicos.

Insatisfeito com meu aprendizado na Cadeira, decidi viajar para o Exterior em 1947, onde tive a felicidade de ser discípulo de notáveis patologistas, como Pierre Masson (Canadá), Arthur Purdy Stout (EUA) e Isaac Costero Tudanca (México).

Retornando ao Brasil em 1949, propus a Amorim algumas modificações para melhorar o relacionamento com o Hospital São Paulo. Diante desse impasse, o prof. Jairo Ramos, catedrático da Clínica Propedêutica Médica, decidiu criar um serviço de anatomia patológica no HSP, o qual fui convidado a dirigir. Apelei a Amorim, que se encontrava na França, para concordar com minha indicação, a fim de evitar o desmembramento da anatomia patológica da EPM. Recusando-me a ir contra a cátedra a que era filiado, o serviço de Anatomia Patológica foi entregue a clínicos, passando a ser denominado Disciplina de Patologia Clínica.

Devido a suas tendências políticas, Amorim foi aposentado compulsoriamente em 1966.

Substituiu-o o docente-livre Mario E. A. Pasqualucci (1917-1969), meu colega de turma, que não conseguiu interromper o prestígio da disciplina de Patologia Clínica por causa do irrestrito apoio da Clínica Médica e do diretor da EPM. Ademais, a morte inesperada e prematura de Pasqualucci favoreceria a absorção da cadeira de Anatomia Patológica pela Patologia Clínica.

Por uma manobra a eleitoral antiética, eu, o substituto natural de Pasqualucci e único docente-livre desde 1957, quase fui eliminado da EPM, a fim de não interferir nos planos da Clínica Médica e da Diretoria. Anulada a manobra, assumi a direção do Departamento em 1969, tornando-me professor titular por concurso em 1970.

Período de recuperação (1969-1986)

Devido a minha formação de clínica e cirurgia antes de dedicar-me somente à anatomia patológica, eu tinha condições para estabelecer melhor diálogo com o HSP, de modo a fazer retornarem os cirurgiões ao, agora, Departamento. E graças a essa orientação e aos docentes que me ajudaram na árdua tarefa de impedir a intromissão da Patologia Clínica na Anatomia Patológica da EPM, pôde o Departamento reconquistar em grande parte o prestígio que gozava durante os áureos tempos do prof. Büngeler. Diga-se, porém, que não fosse também o apoio irrestrito do meu saudoso colega e amigo Roberto Aida Aun seria mais difícil atingir o objetivo desejado.

Infelizmente, no dia 24 de agosto de 1986 fui aposentado compulsoriamente (quando completava 70 anos de idade) e, assim, com o coração estremecido tive de dizer adeus a minha Escola Paulista de Medicina, após nela permanecer a maior parte de minha existência. Mas saí satisfeito, porque, ao contrário do que queria o Departamento de Medicina, sua usurpadora disciplina de Patologia Clínica acabou sendo englobada pelo Departamento de Anatomia Patológica.

Jorge Michalany
é professor emérito da Escola Paulista de Medicina

Último dos Moicanos

Fernando Campos Moraes Amato

As fases mais difíceis na vida de um adolescente são aquelas que envolvem grandes decisões, e a inexperiência e imaturidade dificultam as escolhas. Como no vestibular, quando o jovem tem de escolher, além do curso, também a faculdade, e tal escolha depende de seu desempenho nas provas. Nem sempre se passa na faculdade desejada, mesmo tendo estudado o suficiente; a pressão emocional é muito forte, e até a má sorte, como por exemplo perder o ônibus, ter uma dor de barriga ou febre, errar o local de prova, pode fazer com que o candidato perca um ano de sua vida estudando para uma segunda chance ou até mude a opção de curso ou de faculdade.

Escolhi a medicina por muitos fatores; sempre tive interesse especial nessa área. Respeito muito a profissão. A influência familiar foi, sem dúvida, crucial na minha decisão. Em casa ninguém foi original, todos são médicos, mas souberam de alguma forma mostrar suas paixões individuais pela profissão.

Nunca tive atração por nenhuma faculdade em especial; entretanto, a his-

tória, a localização e a conceituação no meio médico certamente tiveram sua influência. Passar na Escola Paulista de Medicina foi uma grande satisfação para mim, pois estaria cursando a mesma faculdade que meu falecido avô, Gabriel Antonio Galvanse Amato, que se formou em 1940, na terceira turma!

Além de uma calorosa recepção feita pelos veteranos, na primeira semana tivemos a oportunidade, em algumas aulas, de conhecer melhor nossa escola, principalmente a sua história. Saber que ela é fruto da união e dedicação de alunos e professores faz com que ela nos desperte um respeito e orgulho ainda maiores! Os primeiros dias como calouro são inesquecíveis. Mesmo depois de sermos introduzidos à faculdade, é quase impossível saber exatamente que aula haverá, a que horas e onde será, mesmo usando o calendário, é difícil encontrar as salas, e só aos poucos se vai acostumando.

Numa sala com 113 alunos, é difícil conhecer todos os colegas, e até hoje ainda mal conheço alguns! É interes-

sante saber a origem deles e por que escolheram a Escola. Muitos são do interior de São Paulo, da própria capital, de outros estados, como Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Goiás, Alagoas e dois vieram da África.

Foi complicado nos primeiros dias identificar os colegas, pois todos os homens tiveram seus cabelos raspados como moicanos, seguindo a tradição da Escola, apesar de alguns serem extremamente estilizados! Era divertido ver moicanos vermelhos na rua, mas também muito útil, pois assim se podia descobrir onde era a aula, apenas seguindo, mas às vezes dava errado!

Na festa de lançamento dos calouros e na Intercaloured, em Atibaia, a vaidade chegou ao extremo. Todos aparavam e descoloriam seus cabelos para colorir de vermelho o "moicano". Pessoas mal informadas talvez nos chamassem de punks, loucos, revoltados, mas as outras faculdades sabiam que deveriam nos chamar de índios! Ninguém soube me dizer a verdadeira história desse apelido, alguns dizem que fomos assim intitulados por jogar nas competições esportivas como guerreiros, selvagens, índios... e a ofensa virou elogio! Só sei que lutamos por aquilo que queremos! Somos, por enquanto, os últimos dos moicanos.

Alunos do 1º ano da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo



Fernando Campos Moraes Amato
Aluno do 1º ano da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Dúlio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira